

Carmen Soares
Maria do Céu Fialho
María Consuelo Alvarez Morán
Rosa María Iglesias Montiel
Coordenação



orma
& Transgressão

II

(Página deixada propositadamente em branco)

Carlota Miranda Urbano

Universidade de Coimbra

ORTODOXIA E HETERODOXIA
NO INÍCIO DA MODERNIDADE.
POESIA HAGIOGRÁFICA NEOLATINA
AO SERVIÇO DA APOLOGÉTICA JESUÍTICA.

1. A Companhia de Jesus e a defesa da norma ortodoxa.

Nascida sob o ascendente das reformas, a Companhia de Jesus, empenhada na defesa da ortodoxia católica, foi protagonista nos acesos debates doutrinários e teológicos que agitaram a Europa. A sua voz fazia-se ouvir sobretudo no púlpito e na cátedra, através do ministério da palavra e do ensino, mas também, e de modo não menos eficaz, nas manifestações artísticas intimamente associadas ao magistério. A poesia neolatina produzida nos colégios da Companhia pelos seus mestres e discípulos é uma dessas manifestações. Pensamos imediatamente no teatro jesuítico, poderoso e eficaz veículo apologético, fosse ele de tema bíblico, hagiográfico, ou clássico. As frequentes representações teatrais que integravam plenamente a vida escolar dos colégios da Companhia não tinham um papel menor na formação académica, e do mesmo modo na formação doutrinária e espiritual dos seus alunos. A sua influência, porém, estendia-se ao público alargado que em alguns colégios acorria para assistir às muito esperadas e espectaculares representações teatrais. Alguns estudos de Manuel Barbosa, Margarida Miranda e António Melo avaliam precisamente a dimensão apologética do teatro jesuítico e o tratamento que nele recebem as polémicas doutrinárias e religiosas da época.

Neste estudo, porém, vamos tomar como exemplo uma criação não do teatro mas da poesia épica: uma epopeia neolatina, de modelo clássico, destinada a celebrar o martírio de um grupo de missionários jesuítas em Nagasaki no ano de 1626. Composta por Bartolomeu Pereira, um mestre de Retórica do Colégio da Companhia de Jesus em Coimbra, e publicada nesta cidade em 1640, esta epopeia tem como principal público alvo alunos e professores dos colégios da Companhia. A sua primeira intenção é, sem dúvida, edificar o leitor, eventualmente movê-lo ao desejo de uma vida missionária. Porém, detectamos outras intenções na leitura deste longo poema de doze cantos em seis mil versos. Uma delas será promover a devoção pelo herói principal, o P. Francisco Pacheco, e a sua beatificação; outra será servir a missão geral da Companhia de Jesus na apologia da fé católica e na defesa da sua norma contra as várias heterodoxias. Com efeito, é bem visível a presença de significados doutrinários mais ou menos explícitos, dirigidos claramente às polémicas levantadas pela heterodoxia protestante.

Sobretudo depois da conclusão do concílio tridentino, a Companhia assumiu com zelo a defesa e a aplicação da norma reguladora e uniformizadora da reforma de Trento.

Neste mesmo poema épico que aqui tomamos, damos conta de que a Companhia tem uma clara auto-consciência do seu desígnio de defender a 'norma' ortodoxa contra as 'transgressões' que constituem, no contexto, as reformas protestantes. O próprio imaginário medieval do fundador como cavaleiro ao serviço do Rei Eterno e da Companhia como *militia dei*, numa imagem tão antiga como a primeira apologética cristã, exprimem e acentuam essa mesma consciência. A Companhia assume-se como milícia destinada a combater um inimigo com duas faces: a face da heterodoxia na Europa e a do paganismo e das 'falsas' religiões a Ocidente e a Oriente. Esta última, quase omnipresente no poema, aquela em pequenas digressões e episódios, ou na alegorização da Heresia.

Este é, de resto, um motivo relativamente recorrente na literatura neolatina da Companhia de Jesus. Num pequeno poema épico de um jovem aluno

de um colégio jesuíta,¹ *Ignatiados*, que como o título anuncia tem por herói principal St. Inácio, a Companhia nasce sob o desígnio da luta contra a heterodoxia. Neste poema, Lutero, instigado por Vénus, declara guerra aos santos e espalha os falsos mensageiros da Palavra. Por isso, cheio de misericórdia, Deus envia ao mundo, para remédio deste mal, a Companhia de Jesus. A sugestão desta relação de St.º Inácio de Loyola com a chamada contra-reforma, já a encontramos num dos seus primeiros biógrafos, o P. Pedro Ribadeneira:

Y quando Lutero quitava la obediencia a la Yglesia Romana, y hazia gente para combatilla cõ todas sus fuerças, entonces levantava Dios a este santo Capitan, para que allegase soldados por todo el mundo: los quales con nuevo voto se obligassen de obedecer al summo Pontifice, y resistissen con obras y con palabras a la perversa y heretica doctrina de sus sequaces.²

O nascimento da Companhia de Jesus é, assim, frequentemente interpretado como ‘cruzada anti-Lutero’, o que não corresponde exactamente à verdade. O empenho inaciano no combate ao protestantismo ganhou forma nos últimos anos de vida do fundador da Companhia e não pode ser considerado, como escreve Inácio Idígoras, “eje o punto de arranque inicial de su proyecto”.³

Quando efervesciam na Europa várias heresias, o projecto de Inácio e dos primeiros companheiros era peregrinar para Jerusalém. Impedidos de o concretizar pela conjuntura internacional, oferecem-se então ao Papa para a missão que este lhes queira destinar. É nesta disponibilidade que a Companhia se situa em contexto de reforma e também de missão. Essa disponibilidade para, nas palavras de St. Inácio, ‘o mais urgente e o mais universal’, viria a colocar os primeiros companheiros diante da tarefa educativa e missionária de zelar pela defesa e expansão da norma ortodoxa.

¹ António Figueira Durão.

² P. Ribadeneira 1965: 715.

³ J. Idígoras 1991: 253.

2. O *Paciecidos* ao serviço da apologética jesuíta.

292

Sendo um poema hagiográfico celebrativo do martírio, o *Paciecidos* adequa-se perfeitamente aos objectivos apologéticos da Companhia. A crença na eficácia do martírio, intimamente relacionada com o culto dos mártires, constitui uma das mais antigas tradições cristãs que a reforma de Trento se esforçaria por reafirmar contra a contestação protestante ao culto dos mártires e ao poder de intercessão dos santos, desencadeada por Lutero em 1530.

Com efeito, no fundamental da doutrina relativa ao culto dos santos, o Concílio de Trento viera reafirmar a tradição da *intercessio sanctorum*. Um dos decretos da última sessão deste Concílio, em 1563, o decreto sobre a invocação e veneração das relíquias e imagens dos santos⁴ vem negar a incompatibilidade entre o poder intercessor dos santos e o lugar central de Cristo como único redentor da humanidade, recusando implicitamente a concepção de ‘*cultus sanctorum*’ de Melancton que lhes atribuía uma função estritamente exemplar, desprovida de qualquer poder intercessor.⁵ O decreto tridentino reafirmava esse poder dos santos, bem como a legitimidade da sua veneração, para além de lhes atribuir uma função exemplar, recomendando a todos os fiéis a *imitatio sanctorum*.

Louvar os mártires, especialmente os contemporâneos, justificar a sua veneração, testemunhar o seu poder intercessor era naturalmente um meio apologético eficaz de defesa da norma ortodoxa, enraizada na mais antiga tradição cristã do culto dos mártires.

A piedade católica tridentina, herdeira da *deuotio moderna*, que também inspirara algumas espiritualidades reformistas e a própria espiritualidade inaciana, é profundamente cristocêntrica. Cristo é o centro. Ele é o Rei dos mártires, do triunfo, o *Rex Ecclesiae militantis*, como o representa Laurentius

⁴ *De inuocatione, ueneratione et reliquiis sanctorum, et sacris imaginibus*, In *Concilii Tridentini actorum pars sexta complectens acta post sessionem sextam usque ad finem concilii (17 sett. 1562-4 dic. 1563)* von S. EHES, Freiburg, 1924, pp. 1098-1103. Cfr. Burshel 1996: 309.

⁵ Concepção que desenvolve na *Confessio Augustana* e na *Apologia*. P. Burshel 1996: 313.

Surius na primeira grande coleção hagiográfica pós-tridentina.⁶ O sofrimento cristão, e muito particularmente o sofrimento dos mártires, é entendido como a continuação da paixão de Cristo no seu corpo místico que é a Igreja. As palavras de S. Paulo “completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo que é a Igreja...” (Col. 1, 24) são frequentemente repetidas nos textos martirológicos.⁷ Nos martirólogos católicos, naturalmente, pois no contexto da polémica sobre a justificação e a graça e a eficácia das obras, era inconcebível para as doutrinas protestantes aceitar que o sofrimento de Cristo não estivesse ainda completo e que o sofrimento humano do cristão tivesse algum mérito. Embora protestantes e católicos partilhassem de um modo geral um certo fascínio pelo martírio e pelos seus próprios mártires, ele não assumia nas diferentes confissões o mesmo significado.

2.1. O valor da fé e das obras, do *exemplum* e da imagem.

Como não podia deixar de ser, um poema celebrativo do martírio como o *Paciecidos* vem afirmar o valor das obras, da acção humana, bem como da sua representação e da contemplação da sua imagem. O martírio de Francisco e dos companheiros constitui um *exemplum* edificante para o leitor, capaz de mover a sua piedade, a sua devoção aos mártires, e, eventualmente, o seu desejo de se fazer missionário e mártir.

Para além desta intenção fundamental do poema, internamente, encontramos nele várias digressões e episódios com um significativo peso argumentativo no debate ordoxia/heterodoxia. Vamos deter-nos em dois ou três exemplos apenas.

Um deles faz a apologia, quer da eficácia das obras, quer da contemplação do *exemplum* em clara oposição às doutrinas luteranas do primado da fé

⁶ SURIUS, Laurentius, *De probatis sanctorum historiis...*Colónia,1570-1576.

⁷ Embora, como observa Bradd Gregory, nas fontes martirológicas protestantes seja rara a referência a esta passagem. B. Gregory 1999: 277.

na salvação do homem, questão intimamente associada à polémica da Graça e do Livre-arbítrio.

294

Encarcerados durante vários meses, desde que são presos até ao martírio, Francisco Pacheco e os companheiros atravessam uma série de tentações, motivos obrigatórios na hagiografia. Uma delas é personificada na alegoria do *Amor Caecus* que os visita, enviado por Vénus, mas que se retira vencido, perante a vitória da *Virtus* dos prisioneiros. Esta vitória torna-se de tal modo visível que se opera uma mudança radical no comportamento dos guardas (tópico hagiográfico também habitual). Táquea, o seu chefe, e os outros que, até então ferozes e inflexíveis, não cessavam de os atormentar, modificam-se extraordinariamente, graças à eficácia salvífica das obras dos prisioneiros. O poeta compõe uma espécie de hino, que aqui abreviamos, para celebrar essa eficácia:

A água não desgasta tão facilmente a pedra dura e o rochedo, nem a chama impetuosa na fornalha domina com mais ardor o aço indómito;(...). **Mais facilmente as obras poderosas demovem as almas.** Aríon, grandeza do mar profundo, que acaricias os delfins, cessa a tua voz e rompe as cordas da tua lira; (...) Abandona, Orfeu, a cítara, embora diga a fama que dominaste os leões indomáveis e com o teu canto melodioso arrancaste os manes do cárcere miserando do Érebro. **São as obras que têm maior eloquência e mais longe se ouve o seu som;** o som que ouviram os rochedos, os arbustos e as feras; a esse som as terríveis portas do Báratro se abriram. Vós sois testemunhas, vil tropa nascida dos tigres de Ródope, ira e raiva de Táquea, vós sentinelas, rochedos desumanos, calhaus, não homens! Eu sou testemunha das vossas crueldades, da fúria resistente que há pouco tínheis no coração. Agora, revestidos de um espírito brando e coração de cera, juntais-vos ao velho lusitano e aos companheiros, em virtude da velha cadeia, do ferro duro, e de um amor eterno. Venceu a *Concórdia* por meio de tresdobrado enlace.⁸

⁸ "Non rupes aut saxa cauant tam molliter undae/ Non chalybem indomitum duris fornacibus ignes/ Acrius expugnant, (...) Imperiosa mouent animos plus facta: profundi/ Cede maris numen mulcens Delphinas Arion/ Vocaesque abrumpe fides, (...) / Cede Orpheu, cithara quamuis te fama leones/ Indomitos domuisse ferat, cantuque canoro/ Extraxisse Erebi miserando e carcere manes./ Namque operi uox maior inest, et longius ille/ Auditor sonus, hunc rupes, arbusta, feraeque/ Nouere, huic Barathri informes patuere recessus./ Vos ego, uos testor

Louvido nestes termos, o poder das obras não é exclusivamente humano nem exclusivamente divino. A força divina das obras, da acção humana redimida pela Graça, tem o poder de converter, tornando assim o *exemplum* carregado de grave significado doutrinal e teológico. Deus não prescinde do homem aberto à Graça, da sua acção, do seu *exemplum*, como não prescinde do seu sacrifício, do seu martírio, para cumprir a redenção universal.

Já nas fontes documentais utilizadas pelo poeta, assistimos a esta associação das virtudes dos prisioneiros à mudança dos guardas e à sua vontade de ouvir a doutrina cristã. Os manuscritos *Carta Anua de 1627* e o *Livro da Vida* referem a mesma mudança de atitude dos guardas, mas não relacionando directamente a sua explicação com o poder das obras. É o *exemplum* de humildade e paciência dos padres que os faz interessarem-se pela doutrina que aqueles homens pregavam.

Vendo pois os guardas, que a vida que aly fazião os santos presos, e seu modo de tratar era tão inculpavel julgarão della que assy o seria a ley que pregavão e polla qual estavão presos. E assy considerando sua humildade, e religioso modo, a alegria e paciência com que levavão os trabalhos, e encomodidades, que a prisão tras consigo, o pouco medo que tinhão a morte tão propinqua e çerta, e como em tudo erão tão diferentes de seus saçerdotes, lhes causou desejo de ouvir o que ensinavão. Ouvirão por muitos dias o catecismo, mostrarãose entrados e vencidos das solidas rezões em que nossa santa lei se funda, não falavam ja della como dantes mas co' muito decoro, e mostras de bo' conceito, que fezerão⁹.

O relato da *Vida e martirio* diz basicamente o mesmo, enriquecendo o texto com algumas imagens:

Rhodopaea e tigride natos/ Vile satellitium, iraeque, rabiesque Taqueae/ Vosque alii excubiae, uos saxa immania, rupes,/ Non homines, uestrumque manus, atque efferat testor./ Facta reluctantesque olim sub corde furores./ At nunc iam molles animos, et cerea corda/ Induti, Lysiumque senem, sociosque catena/ Pro ueteri, proque aere graui religastis amore/ Aeterno, et triplici uinxit Concordia nexu." *Paciecidos* V, 290-315.

⁹ *Annuae Litterae* fol.11 v-12f.

Não há peito tão de bronze que possa resistir à força do exemplo e vida santa e assim, considerando os soldados que estavam de guarda, a alegria com que o Padre Francisco e seus companheiros padeciam o trabalho da prisão e devoção de suas palavras e a excelência de suas obras, os abrasados desejos que tinham dos tormentos e da morte, lhes disseram que queriam ouvir as coisas de nossa santa Fé.¹⁰

O louvor específico das obras e da sua eficácia é, pois, uma inovação de Bartolomeu Pereira. No tratamento que confere ao tema, o poeta faz a exaltação da acção humana, da abertura do homem à Graça que permite a prática da virtude. Esta interpretação da mudança de atitude dos guardas reveste-se então de um significado importante no contexto da polémica reformista da justificação e da graça.

Vendo o novo comportamento dos guardas, Francisco oferece-lhes como retribuição, a sua maior riqueza, a Fé. Fala-lhes então da missão de Cristo, da sua obra redentora e convida-os a contemplar, gravados em duas tabuinhas que trazia escondidas sob as vestes, prodígios que lhes são próximos: o exemplo de japoneses que morreram pela fé cristã.

‘(...) Que demovam os corações e ergam os espíritos abatidos, os mil exemplos espalhados em todo o mundo pelas asas e pelos olhos da Fama, quando a vossa gente perdeu o sangue e a vida ilustre em morte gloriosa; olhai, peço-vos, esses rostos, essas faces divinas, e guardai-as no fundo do vosso coração’. Disse estas palavras e tirou das suas vestes duas tabuinhas, engenho e honra do artista, superiores à obra das mãos de Zeuxis ou de Parrásio¹¹: uma delas representava uma sucessão maravilhosa de figuras de homens, a outra, de mulheres.”¹²

¹⁰ Livro da Vida... VI, 1985: 365.

¹¹ Célebres pintores respectivamente de Heracleia e de Éfeso. Literalmente o texto latino diz: ‘a quem poderiam ceder (a superioridade) a mão de Zeuxis ou a de Parrásio.’

¹² “(...) moueant animos, mentemque iacentem/ Attollant, magnum iam nunc uulgata per orbem/ Mille alis, famaeque oculis exempla, cruores/ Cum gens uestra suos, claraque in caede superbas/ Proiecere animas; haec uos precor ora figuras/ Has Diuum aspiciate, et medio sub corde locate./ Dixerat, et geminas aperit de ueste tabellas,/ Ingenium, pictoris honos, quis cedere Zeuxis/ Parrhasiique manus possent; harum una uirorum,/ Altera femineas miro dabat ordine formas.” *Paciecidos* V, 354-363.

À contemplação destas imagens cuidadosamente descritas no poema, seguir-se-á a conversão de um jovem guarda, Narciso, a que voltaremos. Esta conversão vem argumentar a favor do poder da imagem, do ícone, da sua virtude catequética e evangelizadora, por oposição à atitude iconoclasta das reformas de Carlostadio, de Lutero ou de Calvino e recoloca os mártires no seu papel ‘fundador’ das igrejas nascentes, que de igual modo a reforma protestante colocara em causa.

Um outro episódio ilustra o poder da contemplação das obras. Tendo tomado conhecimento da transformação operada nos guardas, Mondo, o governador local, envia ao cárcere um familiar da sua confiança para expulsar os traidores e repor a autoridade no forte. Trata-se de Densamono, que repreende severamente os carcereiros e se assume vingador das divindades nipónicas, no entanto...

quando as santas obras do lusitano e dos companheiros, entrando pelos seus [de Densamono] próprios olhos adentro, lhe penetram no peito, e revolvem o íntimo do seu coração, a partir desse momento, transformam aquela insensível dureza e empenham-se em quebrar os rochedos de tal alma.¹³

Mais uma vez, as obras de Pacheco e dos companheiros dão o seu fruto, com claro relevo para a importância do *ver*: ‘o exemplo dos jesuítas que contemplaste te arrasta...’.¹⁴ Vencido aos pés de Francisco Pacheco, Densamono ‘entrega-lhe completamente as rédeas da alma’.¹⁵

¹³ “Cum sacra Lysiadae, sociorumque acta peripisos/ Intromissa oculos, penetrant in corda, sinusque/ Pectoris euoluunt, uersantque hinc, inde rigentem/ Duritiem, scopulosque animi perfringere certant.” *Paciecidos* VI, 116-119.

¹⁴ *Paciecidos* VI, 125. “Iesuadum te exempla trahunt”.

¹⁵ *Paciecidos* VI, 131. “animi late commisit habenas”.

2.2. A graça e o livre arbítrio

298

O poder salvífico das obras encontra-se intimamente relacionado com a polémica da Graça e do Livre arbítrio recolocada pela reforma protestante. A teologia desenvolvida pelos movimentos de reforma luterana e calvinista, defendendo o primado absoluto da Graça (contra o livre arbítrio da acção humana) confia apenas a Deus, na sua absoluta transcendência, a salvação do homem. Nesta perspectiva, este não tem qualquer possibilidade, ou necessidade, de colaborar na sua própria salvação. Tornam-se assim desnecessários os sacramentos, bem como a oração de súplica.

Esta questão, colocada já no séc. V por Pelágio ao defender o livre arbítrio absoluto,¹⁶ fora resolvida na Igreja por Stº Agostinho ao defender o primado da Graça. St. Agostinho deduz do Mistério da salvação, revelado por Deus em Jesus Cristo, a incapacidade natural de o homem se salvar por si só. O protestantismo toma esta resolução agostiniana mas retira-lhe o equilíbrio da participação graça/natureza, suprimindo a colaboração da natureza e dando à Graça o primado absoluto. O que levanta questões como estas: poderia ou não o homem ter mérito na sua acção? Bastar-lhe-ia a fé e a confiança em Deus para se salvar? O que justificaria o homem? A Fé ou as Obras? Bastariam os méritos de Cristo para salvar o homem? Qual a eficácia dos sacramentos? E da oração?

Para o pensamento dos teólogos luteranos e calvinistas, conferir à acção humana valor meritório na sua salvação é fazer Deus depender do homem para o cumprimento dos Seus desígnios, é reconhecer limites a Deus e à Sua omnisciência. Esta questão que focalizou as atenções do debate teológico dos finais do séc. XVI conheceu entre nós interlocutores de grande relevo, como os jesuítas Pedro da Fonseca e Luís de Molina na polémica filosófica que acendeu debates e deu origem à chamada 'ciência média', porque intermédia entre um determinismo e um livre-arbítrio absolutos.

¹⁶ Isto é, o homem teria em si mesmo a capacidade, pela ascese, de não pecar. Estamos perante uma sobrevivência da ética estóica: autoadequar-se à natureza através da acção livre. Em tais pressupostos, o papel do Redentor não passaria de um *exemplum*.

O meio universitário em que se movia o P.^e Bartolomeu Pereira, e que era afinal o primeiro destinatário do *Paciecidos*, foi palco deste debate que se prolongaria até ao séc. XVIII. Bartolomeu Pereira formou-se, então, na instituição que deu origem àquela ‘ciência média’, à nova doutrina que conciliava o livre arbítrio humano com a acção da Graça divina.

No *Paciecidos* reconhecemos claramente a visão católica desta questão. No pensamento do poeta, Graça e liberdade humana são duas realidades que coexistem, não em concorrência mas em participação. A *infirmity* da natureza abre-se confiante à Graça deixando que esta actue. O episódio da tentação do *Amor Caecus* é um dos exemplos disto mesmo: é a Graça divina que ajuda o herói a vencer, representada na alegoria da *Mundities*, mas é no seu peito que esta figura reside. Isto é, é do coração de Pacheco que sai a *Mundities* e é a ele que torna, recolhendo-se, como se sem a colaboração humana, a Graça não tivesse ‘lugar’ onde acolher-se:

Quando a Pureza, mais pura que os cisnes e os próprios astros, alojada no casto coração de Pacheco, ouviu, (ó vergonha!) com seus ouvidos tais palavras, saiu e com estourras repreende o torpe Amor!¹⁷

(...)

Quando a Pureza libertou da sua divina boca tais palavras, cercou a fronte do filho do Lima com brancas flores, lançou lírios às mãos cheias sobre o seu leito. Desceu então a deusa ao casto coração de Pacheco a esconder-se de novo no seu peito..¹⁸

O próprio martírio é entendido neste poema como gesto radical de liberdade humana,¹⁹ mas impossível sem a Graça. Na sua dimensão agónica

¹⁷ “Has postquam residens Pacieci in pectore casto/ Accepit uoces, indignumque auribus hausit/ Mundities, cynis atque ipsis purior astris, / Exiit, et turpem uerbis castigat Amorem” *Paciecidos* V, 215-218.

¹⁸ “Haec ubi Mundities diuino ex ore resoluit,/ Limiadae albentes dat circum tempora flores/ Atque super stratum manibus dat lilia plenis, / Insternitque domum, castique in corda Paceci/ Labitur, atque sinus inter se Diua recondit.” *Paciecidos* V 240-244

¹⁹ Note-se que, até do ponto de vista canónico, o carácter livre da morte do mártir é condição *sine qua non* na definição da sua morte como martírio.

e ascética, o martírio é exaltação do livre arbítrio, da liberdade humana; na sua dimensão sacrificial o martírio é exaltação da Graça.

Nesta obra celebrativa do martírio, e no contexto das polémicas teológicas que acendiam a discussão, mesmo entre os católicos, compreende-se que seja a exaltação das obras a sua intenção prioritária. O mérito das obras, da acção humana, estende os seus frutos à conversão dos guardas do cárcere e, além disso, os heróis do poema, no decurso da acção entendem a sua morte futura como imolação e sacrifício eficaz pela Igreja japonesa. No entanto, o poeta católico não deixou de ressaltar possíveis acusações protestantes de transgressão pelagiana, cultivando o tópico agostiniano da *infirmas* da natureza humana e a necessidade da oração. Na condição infralapsaria (que é em todo o caso a condição humana *de facto*) o livre arbítrio, indispensável embora como receptáculo da Graça divina, é frágil, in-seguro (*in-firmus*).²⁰ Ferido pela herança da queda original, o homem é incapaz, por si só, de atingir o fim para que foi criado. É o que entendemos em reflexões como a que se segue à conversão de Narciso e que apenas aparentemente são contraditórias em relação àquela intenção prioritária de exaltação da acção humana.

O mesmo amor terá invadido os outros, igual desejo terá arrastado os guardas e movido todos os corações. Tu, Táquea, terias entregue as mãos, e tu Sezeno. Não serias o único, Narciso. Fostes vós, empecilhos, sereias enganadoras, a vã riqueza, o medo da morte e o amor da vida (terrena), fostes vós que retardastes as velas a este navio que voava em direcção aos céus, e o caminho a estes homens. Oh! Rei dos anjos e dos homens! quão secretos são os intentos que meditais! em que escuridão volveis o acaso. Outrora, enfeitados os mais distintos dos irmãos, escolhestes apenas a David, do báculo para o ceptro e da lâ humilde para a púrpura real, embora o seu rosto aparentasse menos coragem, e o seu corpo menos força. Também Vós escolhestes entre os dois irmãos, Jacob, desde o seio materno, mas lançastes às trevas do Orco Esaú, o mais velho e o mais

²⁰ No *De Natura et Gratia*, St.º Agostinho distingue, precisamente, a *natura creata* da *natura infirma*. O 'Decreto da Justificação' aprovado por unanimidade na 6ª sessão do Concílio de Trento em 13 de Janeiro de 1547, reafirma-o no cap. I: depois do pecado original "o livre arbítrio não ficou nele (no homem) extinto mas atenuado e inclinado." J. Castro 1944: 255.

forte. Deste modo atraís Narciso à vossa devoção, e acolheis a sua vontade, mas abandonais os outros para trás, ao serviço do crime, despojos horríveis do Báratro. Ai medo! Ai loucura, triste conselheira destas almas! Jamais poderão fazer-vos algo belo, grande, ou digno de fama; Vós costumais converter um coração pelo temor, e transformar os leões em tímidos encantos. Assim, consentindo nas rudes cadeias do medo, vedastes aos pés e às almas destes guardas, avançar o seu passo para o céu, e entregastes as suas velas aos ventos e ao Érebo. Ah, como há pouco desprezaram a salvação da alma que agora queriam conhecer! Como lamentarão esta cobardia, quando a cruel Prosérpina arrancar cada cabelo das suas cabeças, e entrarem nos lagos do negro Tártaro.²¹

Embora exaltando a eficácia salvífica das obras, Bartolomeu Pereira ressalva deste modo no poema o primado da Graça,²² sublinhando a insuficiência das forças humanas sem o seu auxílio. Para tal, invoca o tópos bíblico da *duritia cordis*. A dureza do coração que presume das próprias forças torna-o impermeável à Graça.²³ O homem que confia apenas em si próprio, que, pela dureza de coração, aqui configurada no medo, não se entrega confiante à Graça, é como o navio que naufraga. É afinal no fraco,

²¹ “Idem alios subiisset amor, similisque uoluptas/ Attraheret uigiles cunctos et corda moueret;/ Tuque Taquea, manus, e tu Sezene, dedisses,/ Nec solus, Narcisse, fores; sed in astra uolantem/ Vos tandem, o remorae, nauem, uos uela dolosae/ Sirenes, cursumque uiris tardastis, inanes/ Diuitiae, mortisque metus et lucis amores./ Proh superum Rectorque hominum! quam caeca uolutas/ Consilia! Et casus quanta in caligine uoluis!/ Tu quondam, abiectis fratrum praestantibus, unum/ E baculo ad sceptrum, tenuique e uellere ad ostrum/ Regale assumis Daudem, licet ille minores/ Ore animos, et nullum ostentet corpore robur./ Tuque etiam e geminis materno uiscere Iacob/ Eligis, at frater tenebris dimittitur Orci/ Esau, uirtute potens, et grandior aeuo./ Sic modo Narcissum trahis in tua uota, uolentem/ Accipis, ast alios longe post terga relinquis,/ Seruitium sceleri, spoliisque immane Barathri./ Heu metus! heu male suada animis uecordia! pulchrum/ Nil unquam, nil grande tibi uel nomine dignum/ Actum olim; tu forte soles formidine pectus/ Vertere, et in timidos lepores transferre leones./ Sic custodum animos plantasque in dura timoris/ Vincla ferens, gressum ulterius proferre uetasti/ Ad caelum, inque Erebum uentos et uela dedisti./ Quam modo contemnunt, animi nouisse salutem/ Quam uellent! quantum facta haec ignaua dolebunt!/ Cum fera supremum capiti Proserpina crinem/ Auferet, atque lacus et Tartara nigra subibunt!” *Paciecidos* V, 482-511.

²² Embora assentes já em St.º Agostinho quer a colaboração da *natura infirma* quer o primado da Graça, ficara então em aberto a questão da proporção a atribuir a cada parte. Na Reforma Católica, o valor dado às *obras*, arrasta por vezes acusações protestantes de pelagianismo.

²³ Era o próprio Deus quem endurecia o coração do Faraó, tornando-o surdo à sua voz. (Cfr. Êxodo os capítulos 8, 9 e 14). A dureza do coração do Faraó, paradigma do homem que presume das próprias forças, tornava-o impermeável à Graça divina.

isto é, na imagem do que confia na Graça, que esta se manifesta, como aconteceu com os exemplos bíblicos de David e de Jacob. O forte, imagem do que não se entrega à Graça, mas confia nas suas próprias forças, sucumbe.²⁴

Bartolomeu Pereira, com este episódio, faz chegar ao leitor a mensagem de que, na Sua imensa Providência, Deus conhece profundamente os actos do homem, sem que por isso os predetermine, permitindo assim que uns fossem vencidos pelo medo e outros se entregassem confiantes à salvação, estando todos eles, porém, no exercício da sua liberdade.

Não podemos deixar de reconhecer nas reflexões do poeta a procura de equilíbrio nesta questão que se encontra disseminada pelo poema. Na figura *composita* do herói que este poema nos propõe, encontramos uma concepção de homem em que o elemento estóico assume um papel de relevo, no valor da ascese, da decisão e do livre arbítrio, da virtude da constância, mas, ao mesmo tempo, um homem inteiramente confiante e entregue aos misteriosos desígnios da Providência Divina.

²⁴ Aqui Bartolomeu Pereira retoma o tópico paulino: 'quando sou fraco, então é que sou forte' ou 'o que é fraco, segundo o mundo, é que Deus escolheu para confundir o que é forte' Cfr. 1 Cor1, 27.

Em conclusão:

A hagiografia cristã pressupõe sempre uma determinada orientação doutrinal e uma metodologia pedagógica (ou edificante) e apologética. Esta epopeia hagiográfica neolatina da Companhia de Jesus, através de uma linguagem literária, por vezes ficcional e maravilhosa, assume essa orientação tecendo através da própria economia narrativa, da estrutura da acção central, mas também das suas digressões e episódios, uma mensagem eficaz e expressiva da norma que a rege. Naturalmente, para o público intelectual e devoto a que se destinava esta epopeia, essa mensagem é facilmente descodificada e compreendida pelo leitor, porque este se encontra num elevado grau de sintonia com aquela norma e com o próprio autor do poema.

A Companhia de Jesus, no exercício do seu magistério, integrando nele, entre outras linguagens, a da arte literária, deitou mão da função apologética da hagiografia. Prestigiando o discurso hagiográfico com a riqueza literária da poesia épica de modelo clássico, de acordo com as exigências estético-literárias do seu público, soube aproveitar-lhe todo o poder de proposta programática de um perfil heróico, dele retirando toda a eficácia possível na argumentação defensiva da norma ortodoxa, consagrada e reafirmada em Trento no debate com as várias heterodoxias.

Bibliografia

- Burschel, Peter, "Imitatio Sanctorum ovvero: quanto era moderno il cielo dei santi post-tridentino?", *Il Concilio di Trento e il moderno. Atti della XXXVIII settimana di studio (1995)*, Paolo PRODI, Wolfgang REINHARD, ed. Bologna, 1996, pp309-333. Cfr. nota 1, p 309
- Calafate, P. (ed.), *História do Pensamento Filosófico Português. II. Renascimento e Contra-Reforma*, Lisboa, Caminho 2001, 547-558.
- Castro, José de, *Portugal no Concílio de Trento*, Lisboa, 1944, II.
- Grégoire, Réginald, *Manuale di Agiologia, Introduzione alla Letteratura Agiografica*, Fabriano, 1996, 2ª edição revista e aumentada.
- Gregory, Brad S., *Salvation at stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts and London, England 1999. Cfr. p 277.

- Idígoras, José Ignacio Tellechea, “Ignacio de Loyola, reformador”, *Actas del Congreso Internacional de Historia de Madrid, 1991, Ignacio de Loyola en la Gran Crisis del siglo XVI*, QUINTIN ALDEA ed., Basauri, pp239-254
- Jap/Sin 61: Anua do Japão p.^a nosso mui Rev^{do} P^o Mutio Vitalesche R.^{ssimo} geral da Comp^a de Jesus do anno de 1627. (Arquiuum Romanum Societatis Iesu).*
- Jedin, Hubert, *Storia del Concilio di Trento*, 4 vols, Brescia, 1973-1982.
- Livro da Vida e Martírio do Bem-aventurado padre Francisco Pacheco, Provincial da Companhia de Jesus em Japão e Governador Episcopal de toda aquela cristandade, texto publicado in “Beato Francisco Pacheco—Subsídios biográficos”, editado por João Gomes d’ABREU, Arquivo de Ponte de Lima, 5, (1984) 377-390; 6 (1985) 359-371
- Mezzardi, L. e Vismarra, P. *La Chiesa tra Rinascimento e Illuminismo*, Roma, Città Nuova Editrice, 2006.
- Miranda Urbano, C., “O *Ignatiados* de António Figueira Durão”, in M. Gonçalves, A.S.Silva, J. Coutinho et alii (coords.), *Gramática e Humanismo*. Actas do Colóquio de Homenagem ao Prof. Amadeu Torres, (Braga, Aletheia, Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2005) vol. II 225-246
- Pereira, Bartolomeu, *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626*. Conimbricæ, Expensis Emmanuelis de Carvalho 1640.
- Pires S.J, Celestino, “Os Teólogos Portugueses e a Graça no Concílio de Trento”, *Lusitania Sacra*, 3 (1958) 67-93.
- Ribadeneira, P., *Vita Ignatii Loyolae*. Textus latinus et hispanus cum censuris ed. Candidus Dalmases SJ. Romae, MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU vol 93, 1965.

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2011

